

## APLICATIVOS MÓVEIS E PERSPECTIVAS DE MULTILETRAMENTOS EM LÍNGUA INGLESA

Luciana de Jesus Lessa CENSI (Mestre/UFBA)

**Resumo:** A oferta e o uso crescente de aplicativos móveis acabam evidenciando a necessidade de discutir novas possibilidades de *ensinoaprendizagem* de línguas frente às diferentes linguagens, à colaboratividade e flexibilidade presentes em muitos ambientes digitais e conectados. Isso acontece porque “novas práticas de comunicação/interação em diferentes linguagens convocam os multiletramentos” (TANZI NETO, 2013, p. 138). Logo, o presente texto objetiva apontar perspectivas de multiletramentos em língua inglesa (LI), considerando o fenômeno dos aplicativos móveis e as relações que estudantes têm estabelecido com ele. A partir de abordagens teóricas, bem como de diálogos com estudantes, denominados praticantes (CERTEAU, 1994), pretende-se tecer questões problemáticas quanto ao *ensinoaprendizagem* de língua estrangeira na escola pública, sobretudo aquelas que dizem respeito às implicações trazidas pelo novo cenário da cultura digital em cotidianos outros dos estudantes. Embora seja uma pesquisa em andamento, tendências apontam para possibilidades de que a pedagogia dos multiletramentos contribua para a reconstrução e recombinação de sentidos pelos estudantes de LI no cotidiano escolar. No entanto, para que se alcance êxito, é primordial que os multiletramentos sejam parte constituinte da formação do professor de LI do ensino básico.

**Palavras-chave:** aplicativos móveis, língua inglesa, multiletramentos

### Introdução

O cotidiano escolar que se toma como palco para os acontecimentos a despeito do *ensinoaprendizagem* de língua inglesa (LI) e do uso de aplicativos móveis é caracterizado como complexo, incontrolável, detentor de dimensão política e, até mesmo, surpreendente (FERRAÇO, 2007). Isso porque o cotidiano escolar é marcado pela presença de sujeitos chamados de praticantes, pois eles se movimentam em um exercício de invenção, de não submissão e de produção de táticas e estratégias (CERTEAU, 1994).

Como os praticantes de Certeau (1994) fazem com que o cotidiano escolar seja *tempo-espaço* de movimentos incessantes, os professores e os estudantes de língua inglesa, aqui, muitas vezes, nomeados praticantes de LI, suscitam reações às realidades que lhes são postas.

Nesse contexto, uma das realidades que se aponta é a cultura digital que tem alterado as práticas sociais, as subjetividades e percepções. Já não se enviam mais cartas ou cartões impressos, mas e-mails e mensagens de texto através de dispositivos e aplicativos móveis. A

música é raramente consumida através de CDs e DVDs, mas a opção atual é pelos arquivos no *pendrive* e nas nuvens no ciberespaço. Além disso, mudou-se do espaço físico do cinema para a sala de casa, utilizando DVDs alugados na locadora, e, hoje, assiste-se a filmes *online* em qualquer local onde se estiver conectado à rede.

Vale dizer, então, que a cultura digital traz novas implicações, bem como oferece potencialidades, ao cotidiano escolar, concernentes ao *ensinoaprendizagem* de LI. Afinal, essa cultura digital se refere a todos os processos com o digital na vida cotidiana, diz respeito à posse de artefatos digitais, aos comportamentos relativos e às decisões que vão desde os aplicativos que se utiliza aos debates sobre temas relacionados, como políticas públicas de banda larga (CORDEIRO, 2014).

A partir do cenário da cultura digital e da disseminação crescente de dispositivos digitais móveis, como *smartphones* e *tablets*, situa-se o fenômeno dos aplicativos móveis. Sobre eles, Souza, Murta e Leite (2016, p. 4) explicam:

Aplicativos móveis são programas desenvolvidos especificamente para o sistema operacional utilizado por um dispositivo móvel, como *tablets* e *smartphones*, que permitem a interação e navegação através do toque, pois são utilizados em aparelhos dotados de tela *touchscreen*. Os aplicativos abrangem diversas classes de programas: podem ser jogos, organizadores pessoais, editores de texto, leitores de e-books, bate-papos, etc. (AMORIN; BIANCO, 2011, p. 66). Os *APPS*, como são comumente conhecidos, têm o propósito de facilitar o dia a dia de seu utilizador, fornecendo-lhe as mais diversas funcionalidades com infinitas possibilidades. Os aplicativos podem ser instalados no dispositivo, sendo baixado pelo usuário através de uma loja *online*, ou já virem instalados no dispositivo direto de fábrica. Uma parte dos aplicativos disponíveis são gratuitos, enquanto outros são pagos.

A oferta e o uso crescente de aplicativos móveis acabam evidenciando a necessidade de discutir novas possibilidades de *ensinoaprendizagem* de línguas frente às diferentes linguagens, à colaboratividade e flexibilidade presentes em muitos ambientes digitais e conectados. Isso porque “novas práticas de comunicação/interação em diferentes linguagens convocam os multiletramentos” (TANZI NETO, 2013, p. 138).

Multiletramentos, por sua vez, constitui um termo cunhado por um grupo de pesquisadores e professores, denominado *New London Group* e considera a produção de saber de formas multimodais: pelas letras, pela imagem, pelo som, pela interatividade, valorizando habilidades não-lineares e a diversidade local (SILVA, 2012). Os caminhos para a produção de sentidos tornam-se, pois, múltiplos.

Trata-se da possibilidade de fazer com que o inglês na escola pública funcione a partir da relação de congruência entre as necessidades e expectativas dos estudantes e os conteúdos curriculares ou programas de autoria do professor (MICCOLI, 2011) favoreçam os multiletramentos. Nesta linha de pedagogia, Kalantzis e Cope (2001) definem os indivíduos como *designers* de futuros sociais e coadunam às ideias de um filósofo da educação:

Os instrumentos da comunicação e do pensamento coletivo não serão reinventados sem que se reinvente a democracia, uma democracia distribuída por toda a parte, ativa, molecular. Neste ponto perigoso de virada ou de encerramento, a humanidade poderia reapoderar-se de seu futuro. Não entregando seu destino nas mãos de algum mecanismo supostamente inteligente, mas produzindo sistematicamente as ferramentas que lhe permitirão constituir-se em coletivos inteligentes, capazes de se orientar entre os mares tempestuosos da mutação (LÉVY, 2011, p. 15).

É diante do exposto que se propõe trazer à tona alguns sentidos sobre as perspectivas de multiletramentos por meio de aplicativos móveis no *ensinoaprendizagem* do idioma inglês como língua estrangeira moderna em cotidianos escolares de Feira de Santana, cidade onde a proponente da investigação reside e atua como professora e praticante da educação básica.

A proposta de linkar letramentos, linguagem em uso e práticas sociais considera e “consiste em chamar a atenção para o fato de que a relação com a língua e o aprendizado de linguagens não é algo abstrato, mas diversificado e dependente do contexto cultural” (MAGNANI, 2011, p. 4). É justamente por isso que o cotidiano escolar se torna preeminente.

Portanto, tem-se como objetivo geral dessa pesquisa em fase inicial: compreender em que medida e como aplicativos móveis podem (ou não) favorecer os multiletramentos no *ensinoaprendizagem* de inglês como língua estrangeira em cotidianos escolares de Feira de Santana – BA.

## Pressupostos teóricos

Para tratar de discussões acerca dos aplicativos móveis, amparamo-nos em abordagens recentemente tecidas por Couto, Porto e Santos (2016), no livro *App-learning: experiências de pesquisa e formação*, nas quais contextualizam a trajetória de alguns *apps*, reconhecem, valorizam e trazem à tona usos desses aplicativos na educação.

Permeando as discussões sobre os aplicativos móveis, cabem os diálogos sobre cibercultura, redes sociais, cultura digital e suas configurações em diferentes contextos e realidades sociais. Muitos pesquisadores da educação já atuam de longa data em questões voltadas às tecnologias na educação: Pretto (2011, 2015), Bonilla (2015), Santos (2011), Cordeiro (2014), em sua maioria atuante no Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação (GEC), da Universidade Federal da Bahia.

Mais especificamente, no contexto de línguas estrangeiras, já há um caminho iniciado para as discussões acerca de *ensinoaprendizagem* de línguas estrangeiras com tecnologias. Araújo e Leffa (2016) já apontam implicações, resultados e inquietações quanto ao uso computador, dos dispositivos e aplicativos móveis e das redes sociais nas práticas de *ensinoaprendizagem* de inglês.

Sobre a língua inglesa na escola pública, Lima (2009) expõe múltiplos olhares sobre o *ensinoaprendizagem* do idioma através de conversas com especialistas. Esse enfoque abarca questões como o *ensinoaprendizagem* das quatro habilidades linguísticas, autonomia, ideologia nas aulas, diversidade, práticas inclusivas e abordagens alternativas.

Ferraço (2007) e Nilda Alves (2003, 2008) poderão fundamentar o quesito cotidiano escolar ao caracterizarem as pesquisas cotidianistas, nas quais se considera que:

- Eu penso o cotidiano enquanto me penso...
- Eu faço parte desse cotidiano que eu penso... Eu também sou esse cotidiano...
- Eu não penso “sobre” o cotidiano, eu penso “com” o cotidiano...
- Esses momentos, movimentos, processos, tentativas, possibilidades, de pensar “com” os cotidianos, de me pensar, possibilitam que eu me conheça ao mesmo tempo em que busco conhecer os outros...
- Mas, eu também sou esses outros...
- Sou todos aqueles que ali estão e também aqueles que já não estão...

- Sou parte ausente de uma história passada recontada pelos sujeitos de hoje...
- Mas também sou parte de uma história presente ainda por ser contada pelos que virão... (FERRAÇO, 2003, p. 161).

Portanto, a adesão ao cotidiano escolar incide em não pensar a escola como uma realidade pré-agendada, mas na ideia de o pesquisador ser parte da pesquisa e vivê-la durante todo o processo.

### Situando tecnologias digitais e multiletramentos

Os professores, praticantes de inglês, têm se deparado com uma geração de estudantes que já nasceu em meio à existência de computadores, internet e tecnologias móveis, por isso a familiaridade tão latente que demonstra com o digital. São a Polegarzinha e o Polegarzinho, conforme nomeados por Michel Serres (2013), os quais são formatados pela propaganda, pela mídia, que também tem assumido funções de ensino. Eles têm carregado o saber nos bolsos, um saber que se tornou espalhado e acessível por meio de objetos de pequenas dimensões quando conectados às redes de internet.

Por isso, na contemporaneidade, há uma necessidade, cada vez mais emergente, de possibilitar a criação de diálogos entre as novas linguagens tecnológicas e os processos de *ensinoaprendizagem* de línguas a fim de que as práticas de sala de aula sejam ressignificadas e efetivas, adequadas ao mundo diversificado.

Paralelo à disseminação de dispositivos digitais móveis, como *smartphones* e *tablets*, tem sido intensificado o desenvolvimento de aplicações, aplicativos ou *apps*. Em uma sondagem por meio de um aparelho celular da marca LG quanto aos aplicativos disponíveis com potenciais para *ensinoaprendizagem* da LI, por exemplo, na loja virtual *Play Store*, para o sistema operacional Android, típico da maioria das marcas de dispositivos móveis, na opção de pesquisa por APPS E JOGOS, direcionando para CATEGORIAS, depois para EDUCAÇÃO, a busca pela palavra INGLÊS localizou 244 aplicativos gratuitos que disponibilizam conteúdos e tarefas no idioma. As finalidades a que se propõem cada um deles são diversas: vocabulário, gramática, leitura, conversação etc (CENSI, 2017).

Uma vez que aprender inglês através de *apps*, sobretudo em dispositivos digitais móveis, tem sido uma oferta cada vez mais frequente, cabe a seguinte indagação: diante da reconfiguração das práticas sociais, subjetividades e percepções no cenário da cultura digital, em que medida aplicativos móveis podem (ou não) favorecer os multiletramentos no *ensinoaprendizagem* de inglês como língua estrangeira?

Salienta-se que “conteúdos significativos são construídos nas práticas sociais de linguagem que circulam no ambiente digital” (TANZI NETO et al., 2013). O que se tem, enfim, quanto às mídias e tecnologias, é uma quadro oportuno para se dar atenção às práticas em contextos digitais conectados permeados por inúmeras formas de linguagens e possibilidades de múltiplos letramentos.

Pôr foco no *ensinoaprendizagem* de LI pode contribuir para minimizar o fracasso da mesma na escola pública. Tal fracasso é justificado, por exemplo, na criação de bodes, como o professor, o estudante, o sistema (LEFFA, 2011). Mas para além desse fracasso, os multiletramentos e práticas envolvendo aplicativos móveis podem despertar questões outras, como: os letramentos são ideológicos e há multiplicidade sinestésica nos ambientes digitais (MAGNANI, 2011).

Censi (2017) evidencia, através de diálogos em um cotidiano escolar, a relação que os praticantes de língua inglesa (nesse caso, estudantes) têm estabelecido com a tecnologia móvel, os sentidos que têm atribuído aos aplicativos móveis em inglês e as potencialidades de uma proposta pedagógica para o uso dessas aplicações a fim de aprender o idioma. A autora considera que, quer seja utilizando o aplicativo Duolingo, que teve a maior aceitação pelos praticantes, outros *apps* ou materiais digitais, as tecnologias digitais móveis, especialmente quando em rede, oferecem possibilidades variadas para aprender inglês e atender aos interesses e expectativas dos praticantes de LI. Variadas possibilidades em que o inglês e outras línguas aparecem, como os animes, doramas, jogos *online*, redes sociais e músicas internacionais, já têm sido experimentadas pelos praticantes em cotidianos diferentes do escolar. Tem-se, possivelmente, uma janela aberta para o trabalho com os multiletramentos.

Porém, a investigação de Censi (2017) pouco perpassa pela integração efetiva dos aplicativos móveis às práticas pedagógicas nem aborda olhares apurados em busca de perspectivas de multiletramentos, já que se concentrou em grupos de diálogos com os estudantes.

O interesse pela temática multiletramentos articulada com *ensinoaprendizagem* de línguas é questão emergente na Linguística Aplicada e se revela como um campo aberto para mais estudos e discussões. Santana (2017), por sua vez, em uma pesquisa em andamento, investiga como professores representam saberes e fazeres sobre multiletramentos no *ensinoaprendizagem* de línguas (português e inglês) com gêneros discursivos virtuais, levando em conta o processo de formação e envolvendo tecnologias virtuais no contexto do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional do Baixo Sul de Gandu – BA. Ao enfatizar os saberes e fazeres dos docentes, a pesquisa evidencia (ou evidenciará) possibilidades teórico-práticas quanto ao *ensinoaprendizagem* de línguas por meio da linguagem que valoriza e reconhece múltiplas formas para a construção de sentidos. O debate agrega à formação docente da educação básica por tratar de uma realidade específica das línguas em um mundo no qual as tecnologias têm reformulado as sociedades e exigido a atuação de professores críticos, éticos, multiletrados.

Silva (2012) defende a necessidade de a teoria dos multiletramentos contribuir na formação do professor de LI do ensino básico. Para isso, sem dúvidas, à primeira instância, os estudos que tratam de singularidades dos multiletramentos voltadas para o *ensinoaprendizagem* de inglês como língua estrangeira nos cotidianos escolares carecem de ser alargados e aprofundados na prática e nas literaturas.

### Trilha metodológica

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que buscamos: situar o cotidiano escolar (ambiente natural) como a fonte direta de dados, onde passaremos o máximo de tempo viável à pesquisa; enxergar o campo de maneira minuciosa por meio da coleta de dados descritivos; e valorizar o significado (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Assim sendo, considerar-se-á relevante prezar pela necessária observação e descrição de detalhes – chamada por Geertz (2014) de descrição densa. Primando pelos sentidos e signi-



ficados, privilegiaremos a atenção às concepções de densidade descritiva e interpretativa, direcionando os olhares para o que de fato acontece e à busca do ponto central da questão a ser interpretada, a partir “do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo” (GEERTZ, 2014, p. 13).

Tomamos os horizontes para o diálogo a partir de Gadamer (1999), entendendo que, para pensar, é necessário perguntar, e as perguntas estão ligadas às possibilidades de sentido que ficam em suspenso porque perguntar se configura em provar possibilidades. Por isso “compreender uma pergunta quer dizer perguntá-la. Compreender uma opinião quer dizer compreendê-la como resposta a uma pergunta” (GADAMER, 1999, p. 552).

A partir dos princípios mencionados, pretendemos realizar observações das aulas de dois professores de língua inglesa do Ensino Médio de escolas públicas diferentes, bem como entrevistas, na intenção de perceber os saberes e fazeres adotados por eles quanto às práticas pedagógicas e os multiletramentos.

Na sequência, através de um levantamento dos aplicativos móveis mais usados para se aprender inglês, far-se-á uma análise descritiva desses aplicativos móveis sob a ótica da pedagogia de multiletramentos, discutindo as formas de apresentação/organização das ferramentas digitais, enfatizando a estrutura e o papel das linguagens hipertextuais, hipermediáticas e multimodais dos ambientes, observando as possibilidades de interação, de colaboratividade, de letramento crítico etc.

Seguidamente, na condição de observador participante, planeja-se experimentar junto aos professores das duas escolas a integração dos aplicativos móveis, previamente descritos e analisados, balizada na possibilidade de práticas multiletradas na sala de aula de inglês.

Na última fase, pretende-se uma avaliação das vivências experienciadas com a proposta de multiletramentos nas práticas com aplicativos móveis nos cotidianos escolares e a elaboração de uma abordagem metodológica.

Apesar do caminho delineado, entendemos que ele é flexível às necessidades que o objeto de estudo solicite no campo, uma vez que se considera que “rigor e flexibilidade andam juntos na pesquisa qualitativa, porque o excesso de rigidez deve ser corrigido ou equilibrado



com a flexibilidade, assim como o excesso de flexibilidade tem que ser corrigido com o tensionamento justo” (GALEFFI, 2009, p. 38).

### O que o campo tem apontado em diálogos outros

Sobre as aulas de inglês:

É muito chato... só passa atividade... coisa... dava pra ser melhor (Praticante *fifteen*, GDP 1).

Eu acho que podia ser melhor também, pró [...]. Podia diferenciar um pouco, não só atividade, atividade, atividade, porque enjoa. Atividade escrita, atividade de ficar lá escrevendo... enjoa (Praticante *seven*, GDP 1).

Porque inglês não é só a escrita, inglês não é só o que está ali escrito... inglês é conversação também... uma linguagem como o português (Praticante *one*, GDP 1).

(CENSI, 2017, p. 60)

Já que os multiletramentos consideram a produção de saber de formas multimodais: pelas letras, pela imagem, pelo som, pela interatividade, valorizando habilidades não-lineares e a diversidade local), o ensino de línguas que estiver focado somente na estrutura verbal e nas atividades que, mesmo que comunicativas, não considerem que a comunicação é prática social – com todas as implicações que uma prática social envolve – poderá estar aquém das necessidades educativas dos estudantes da contemporaneidade (SILVA, 2012). Eis uma oportunidade de fazer com que tecnologias, como metodologias, sejam criadas a partir de estudos focados nos aplicativos e multiletramentos, já os praticantes de LI em seus enunciados parecem já saber o que querem.

### Conclusão

Há possibilidades de que a pedagogia dos multiletramentos contribua para a reconstrução e recombinação de sentidos pelos praticantes de LI no cotidiano escolar. No entanto, para que se alcance êxito, é primordial que os multiletramentos sejam parte constituinte da formação do professor de LI do ensino básico, o que torna propícia a realização de pesquisas nessa área.

Realização



Universidade  
Federal de Sergipe

Apoio



## Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 23, p. 62-74, mai-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 15-38.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Orgs.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499-521, mai.-ago. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/36433>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BRAGA, Denise B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia. *Revista da ANPOLL*, n. 15, 2003.

CENSI, Luciana J. L. *Aplicativos móveis e praticantes de língua inglesa: diálogos em um cotidiano escolar em Feira de Santana – BA*. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2017. Disponível em: <[http://www.uneb.br/gestec/files/2017/01/luciana\\_censi.pdf](http://www.uneb.br/gestec/files/2017/01/luciana_censi.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDEIRO, Salette de Fátima Noro. *Tecnologias digitais móveis e cotidiano escolar: espaços/tempos e aprender*. 2014. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17729>. Acesso em: 25 jul. 2016.

COUTO, E; PORTO, C; SANTOS, E.(Orgs.). *App-learning: experiências de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2016.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade – Dossiê: “Cotidiano Escolar”* Campinas, v. 28, n. 98, jan.-abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000100005&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100005&lng=pt)>. Acesso em 22 jan. 2017.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

KALANTZIS AND COPE, B. Multiliteracies: a framework for action. In: M. KALANTZIS; COPE, B. (Eds.). *Transformations in language and learning: perspectives on multiliteracies*. Melbourne: Common Ground Publishing, 2001.

LEFFA, Vilson. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso de LE na escola pública. In: LIMA, Cândido de Lima (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 15-32.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Loyola. 2011.

LIMA, Diógenes Cândido de. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MAGNANI, Luiz Henrique. Um passo para fora da sala de aula: novos letramentos, mídias e tecnologias. *Revista X*, v.1, 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/23248/16913>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

MICCOLI, Laura. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 171-184.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PRETTO, Nelson. O desafio de educar na era digital. *Revista Portuguesa de Educação*, CIED, Universidade do Minho, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTANA, Manoela Oliveira. *Multiletramentos no Ensino e Aprendizagem de Línguas com Gêneros Discursivos Virtuais*. I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo. Disponível em: <<http://enicecultufrb.org/ocs/index.php/enicecult/lenicecult/paper/view/61>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral da; SILVA, Marco. *Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPed Nacional, 2011. p. 75-98. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2016.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Simone Batista. As contribuições da teoria dos multiletramentos na formação do professor de língua inglesa do ensino básico: reflexões iniciais. *REVISTA X*, v. 1, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/28275/19376>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

SOUZA, André Luiz; MURTA, Claudia Almeida Rodrigues; LEITE, Luciano Gobo Saraiva. Tecnologia ou Metodologia: aplicativos móveis na sala de aula. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 1-8, 2016. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/10551](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/10551)>. Acesso em: 18 fev. 2017.

TANZI NETO, A. et alii. Multiletramentos em ambientes educacionais. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p.135-158.